

# *A Primeira Edição Estrangeira da Poesia de Agostinho Neto*

Francisco **TOPA**\*

\* Doutor (2000) em Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Professor Associado do Departamento de Estudos Românicos da FLUP, responsável pela cátedra Agostinho Neto. Contato: [ftopa@letras.up.pt](mailto:ftopa@letras.up.pt).

## **Resumo:**

O artigo aborda a primeira edição em livro da poesia de Agostinho Neto, publicada em Milão em 1963, sob a responsabilidade de Joyce Lussu, tradutora e, sobretudo, ativista política, com amplo trabalho nas lutas antifascistas e anticolonialistas. Entre as questões abordadas estão o título do volume, o *corpus* (a edição inclui cerca de metade dos poemas que integrarão a versão definitiva de *Sagrada Esperança*, de 1974) e – a partir do confronto com edições anteriores e posteriores de algumas das composições – problemas de crítica genética e textual. Da análise efetuada, é possível concluir que esta edição de 1963 corresponde já a um projeto maduro, na medida em que uma série de poemas se apresentam já na sua versão definitiva. Em plano secundário, dado que se trata de um assunto já trabalhado pelos estudiosos italianos, são ainda discutidos alguns aspetos da tradução, designadamente a disposição dos versos longos, alguns erros (resultantes de uma má interpretação gramatical ou de uma gralha da versão portuguesa) e certos casos do que poderíamos chamar uma tradução interpretativa.

## **Palavras-chave:**

Agostinho Neto. Crítica genética. Crítica textual.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 2, p. 42-55, ago. 2020*

*Recebido em: 04/07/2020*

*Aceito em: 22/07/2020*

# A Primeira Edição Estrangeira da Poesia de Agostinho Neto

---

Francisco Topa

## INTRODUÇÃO

A primeira edição em livro da poesia de Agostinho Neto não veio a público nem em Angola nem em Portugal, mas num país que, à primeira vista, nos pode parecer improvável: Itália. Intitulada *Con occhi asciutti*, saiu em Milão, pela editora *Il Saggiatore* (de Alberto Mondadori), em fevereiro de 1963, com tradução e edição de Joyce Lussu e uma nota preliminar, não assinada, do escritor e crítico Giacomo Debenedetti.

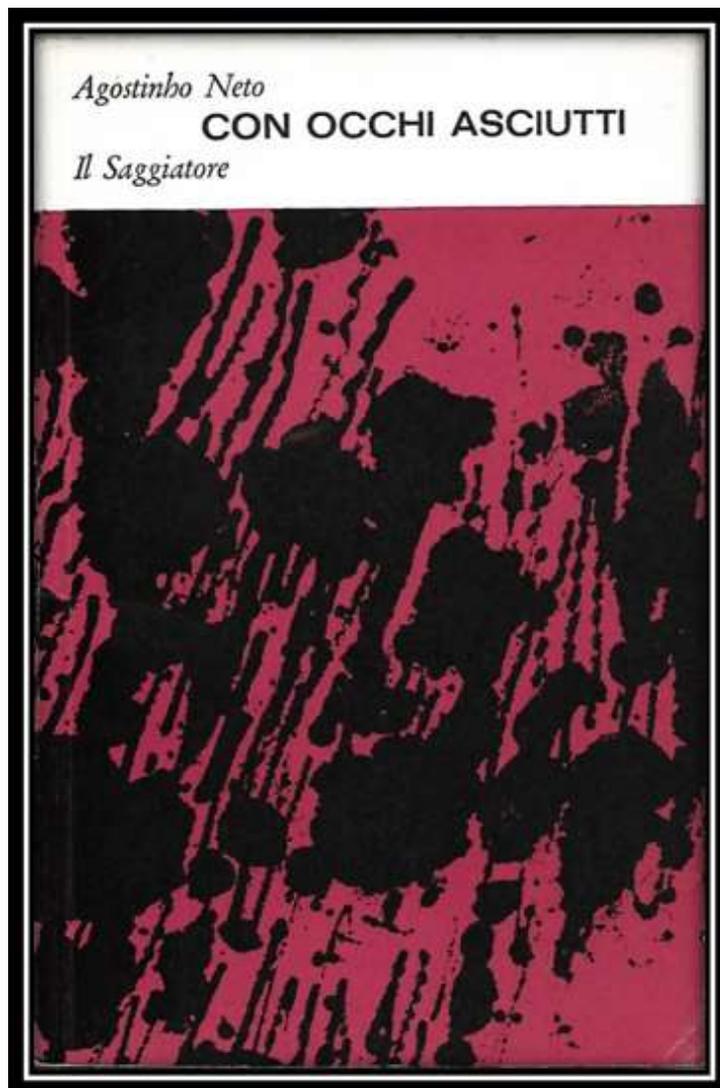
Como é compreensível, este volume mereceu alguma atenção, sobretudo em anos mais recentes, de investigadores italianos, como Simone Celani (2003), Mariagrazia Russo (2003) e Claudia Capancioni (2012). Mas tem faltado, por parte dos angolanos e, sobretudo, dos portugueses, o reconhecimento de um trabalho que foi muito além da tradução e que, além disso, merece ser considerado como objeto de estudo. De facto, Joyce Lussu (1912-1998) – cujo nome de batismo era Gioconda Beatrice Salvadori Paleotti – fez muito mais que traduzir (e editar) Agostinho Neto: dominando bem a língua portuguesa (e uma série de outras), desde uma estadia em Lisboa em 1941-1942<sup>1</sup> no âmbito das suas atividades ao serviço da resistência italiana, viria a traduzir e a editar, depois de Neto, *Cantico a un dio di catrame*, de José Craveirinha (1966) e, no mesmo ano, *Portogallo, mio rimorso*, de Alexandre O’Neill (1966). Um ano depois, em *Tradurre Poesia* (LUSSU, 1967), incluiu na segunda parte do volume alguns poemas desses três autores, juntamente com composições dos moçambicanos Marcelino dos Santos, Virgílio de Lemos e Rui Nogar (todos com dois textos), a que juntou ainda quatro escritos de Kaoberdiano Dambará (pseudónimo do cabo-verdiano Felisberto Vieira Lopes).

Além disso, que foi imenso – sobretudo se formos capazes de colocar as coisas em perspetiva e de atendermos ao contexto histórico –, Joyce Lussu envolveu-se ativamente, em Itália e em muitos outros espaços, nas lutas antifascistas e anticolonialistas, como antes fizera parte da resistência no âmbito do movimento *Giustizia e Libertà*. Ela, que tinha vivido alguns anos em África na primeira metade da década de 30 e que voltará ao continente várias vezes a partir dos anos 60, foi aliás uma das fundadoras, com a fotógrafa e jornalista Augusta Conchiglia, do ARMAL (Associazione per i Rapporti con i Movimenti Africani di Liberazione)<sup>2</sup>. Paralelamente envolveu-se de modo empenhado numa série de atividades de intervenção político-cultural em defesa da liberdade.

---

<sup>1</sup> Cf. Russo (2020, p. 62): “E nell’intermezzo tra il 1941 e il 1942, la residenza a Lisbona dei coniugi Lussu sotto il falso nome di Laskowski, polacchi di razza ariana, l’iscrizione ai corsi di filologia della Faculdade de Letras di Lisbona [...] dove impara il portoghese, una delle lingue delle lotte anticolonialiste degli anni a venire e strumento decisivo per il lavoro di traduzione e divulgazione delle culture africane in lotta e della letteratura portoghese anti-salazarista.” [E no intervalo entre 1941 e 1942, a residência em Lisboa do casal Lussu sob o nome falso de Laskowski, polacos de raça ariana, a matrícula nos cursos de filologia da Faculdade de Letras de Lisboa [...] onde aprendeu o português, uma das línguas das lutas anticoloniais dos próximos anos e um instrumento decisivo para o trabalho de tradução e divulgação das culturas africanas em luta e da literatura portuguesa antissalazarista.]

<sup>2</sup> Associação para as Relações com os Movimentos Africanos de Libertação.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

**Imagem 1** – Capa da edição de 1963

Não insistirei neste ponto, na medida em que se trata de matéria conhecida, ainda que desvalorizada e esquecida, pelo menos em Portugal.<sup>3</sup> Também não aprofundarei outros aspetos já razoavelmente trabalhados, como as relações de Lussu com Neto ou o seu particular conceito de tradução, que Simone Celani (2003, p. 55) designou como “instintivo” e com erros, mas que mereceu o reconhecimento de Claudia Capancioni (2012, p. 257):

It [o artigo] celebrates her original translating methodology as unorthodox but significant. More importantly, it establishes Lussu as a translator of success, who claims the beauty of future possibilities built on linguistic bridges reaching unknown horizons; who succeeds in passing on difference in its multiplicity and polyphony through poetry by focusing on the collaborative dialogism between poet and translator. She introduced political and historical discourses addressing multilingual and multicultural concepts of identity which cannot be limited by politics, as well as the urgent need for people to be actively citizens of a postcolonial, global world. This is Lussu’s enduring contribution into the twenty-first century and most significantly to Translation Studies.

<sup>3</sup> Observe-se, a título de exemplo, que o único livro de Joyce Lussu existente na Biblioteca Nacional de Portugal é a edição e tradução que ela preparou da poesia de José Craveirinha, *Cantico a un dio di catrame*.

Mais recentemente, também Vincenzo Russo (2020) se pronunciou no mesmo sentido:

L'eredità che il lavoro di traduttrice-mediatrix di poeti africani di lingua portoghese, condotto negli anni '60 da Joyce Lussu, ancora oggi ci interroga criticamente non solo in termini di restituzione traduttiva (linguistica, estetica, filologica) ma soprattutto da una prospettiva politica o usando l'espressione della stessa Lussu, *eticopolitico-poetica*. In altre parole, se come è stato notato, le sue traduzioni italiane della poesia africana presentano una stratificata complessità, esse vanno tuttavia inserite in un contesto in cui tradurre poesia eccede l'esercizio teorico testuale (sulle complicazioni grammaticali e sintattiche di una lingua) per trasformarsi in 'sforzo per comprenderla, quasi riviverla'<sup>4</sup> (p. 73).

## A EDIÇÃO

Centrarei antes o meu estudo no facto de o livro de 1963 ser uma edição bilingue, ou, como dizem os italianos, com *testo a fronte*, um aspeto à primeira vista irrelevante mas que, do meu ponto de vista, merece reflexão e abre caminho para outras questões.

Na ausência de uma explicação da editora e tradutora, resta-nos especular sobre a razão desta opção. É possível que se tenha tratado antes de mais de uma questão de rigor: com as duas versões lado a lado, o leitor italiano minimamente treinado na leitura do português pode controlar o trabalho da tradutora e, eventualmente, fazer escolhas diferentes. Joyce Lussu fez o mesmo noutros volumes e ainda hoje essa é uma prática comum.

Outra explicação é de tipo mais comercial e simbólico: como o volume contém apenas 28 poemas, ficaria com poucas páginas se tivesse unicamente a versão italiana, parecendo mais um folheto que um verdadeiro livro.

Uma terceira hipótese, que me parece de maior peso, tem a ver com o facto de uma edição bilingue poder servir simultaneamente dois públicos: o italiano e o de língua portuguesa. Não esqueçamos a frase inicial da nota ditada por Neto para preâmbulo do volume: “Crediamo che il singolo lettore di questi versi, ora editi in italiano per merito di Joyce Lussu, comprenderà l'angoscia di chi non ha avuto ancora la fortuna di vedere la propria opera – non importa quanto valida – scritta nella propria lingua e letta dal proprio popolo”<sup>5</sup> (NETO, 1963, p. 21). Impedida de publicação em Angola ou em Portugal, a poesia de Agostinho Neto obtinha assim uma possibilidade de divulgação efetiva. Faltam contudo dados que comprovem a circulação, legal ou clandestina, de *Con occhi asciutti* entre leitores de língua portuguesa.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> O legado do trabalho de tradutora-mediadora de poetas africanos de língua portuguesa, realizado na década de 1960 por Joyce Lussu, ainda hoje nos questiona criticamente, não só em termos de restituição tradutória (linguística, estética, filológica), mas sobretudo numa perspetiva política ou, usando a expressão da própria Lussu, ético-político-poética. Por outras palavras, se, como foi notado, as suas traduções italianas da poesia africana apresentam uma complexidade estratificada, elas devem, no entanto, ser colocadas num contexto em que traduzir poesia vai para lá do exercício teórico textual (sobre as complicações gramaticais e sintáticas de uma língua) para se transformar num “esforço para compreendê-la, quase revivê-la”.

<sup>5</sup> Cremos que qualquer leitor destes versos, agora editados em italiano graças a Joyce Lussu, compreenderá a angústia de quem não teve ainda a ventura de ver a sua obra – independentemente da sua valia – escrita na sua própria língua e lida pelo seu povo.

<sup>6</sup> Refira-se contudo que, num Congresso realizado em 2019 na Faculdade de Letras do Porto, o Professor Emérito Arnaldo Saraiva testemunhou que o seu primeiro contacto com a poesia de Neto se fizera através da edição italiana.



Fonte: <http://bit.ly/37lrCZT>. Acesso em: 01 jul. 2020.

**Imagem 2** – Joyce Lussu e Agostinho Neto em Luanda, em 1976

## O Título

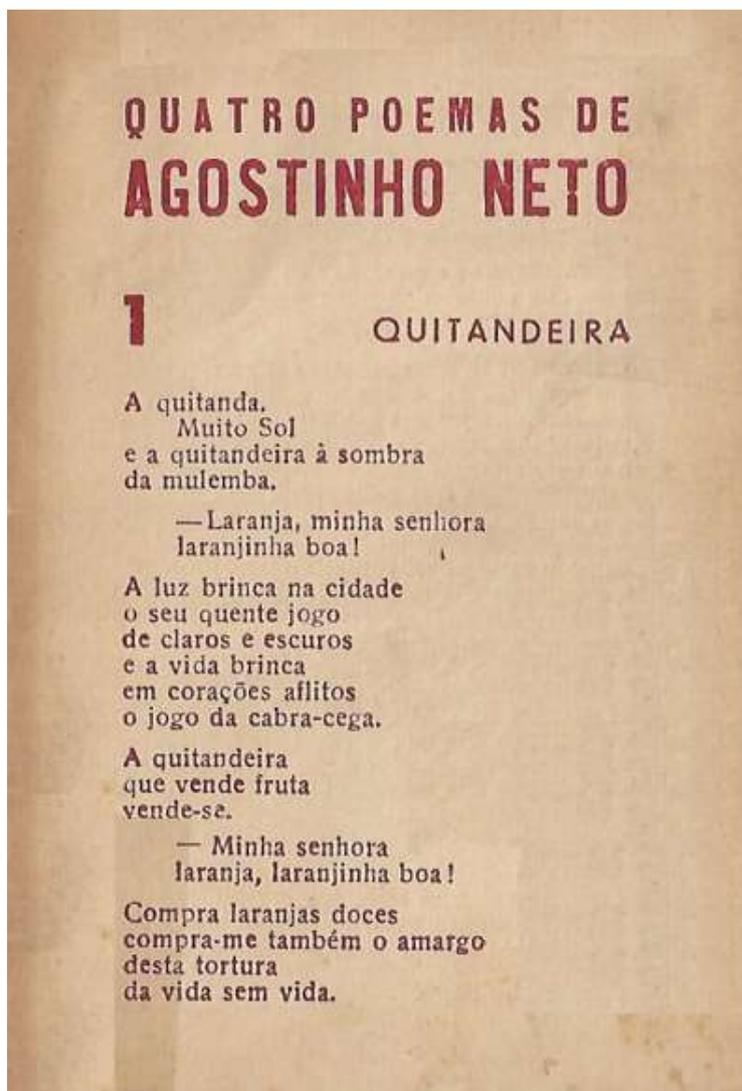
O segundo aspecto que me parece importante da edição de Lussu é o título. Vários comentadores já notaram que se trata de um verso<sup>7</sup> que, com ligeiras variantes, aparece em três dos poemas da antologia. Há contudo uma pequena particularidade que ainda não foi observada. Vejamos as várias ocorrências do verso na edição italiana:

1. Poema *Il pianto dell’Africa* (*O choro de África*) (p. 26-29)  
v. 40. *e occhi asciutti*. < e os olhos secos
2. Poema *Creare* (*Criar*) (p. 34-37)  
vv. 5, 11, 18. *creare con occhi asciutti* (criar com os olhos secos)  
v. 25. *creare pace con occhi aisciutti* (criar paz com os olhos secos)  
v. 31. *creare amore con occhi asciutti*. (criar amor com os olhos secos).
3. Poema *Presa di concienza* (*Conscientização*) (p. 78-79)  
v. 17. *con **gli** occhi asciutti*. (com os olhos secos).

<sup>7</sup> Não se trata de caso único – também a edição servo-croata de 1978 usa um verso, neste caso do poema “Adeus à hora da largada”: *Tragajući za životom / Em busca da vida: Pesme / Poems* (Belgrado: Nova Knjiga).

Em relação ao último caso, é possível que estejamos perante uma gralha, na medida em que ao republicar o poema, quatro anos depois, em *Tradurre poesia*, Joyce Lussu corrigiu o verso para “*con occhi asciutti*” (LUSSU, 1967, p. 117). Quer isto dizer que a tradutora preferiu suprimir o determinante que Neto incluiu em todas as variantes do verso. Porquê? Embora só a própria pudesse responder com propriedade, talvez seja possível avançar algumas hipóteses. Antes de mais, e pensando sobretudo no último exemplo (aquele que será usado sem alterações no título), poderá ter-se tratado de uma questão métrica: o verso em português é um pentassílabo e, sem o determinante, mantém em italiano o número de sílabas. Isto porque Lussu preferiu *asciutti* (cujo equivalente mais próximo em português será *enxutos*) a *secchi*, que seria a tradução mais imediata, o que acrescentou uma sílaba ao verso.

Com esta escolha, a tradutora reinterpreto – ou pelo menos estabilizou uma interpretação – do verso original: *enxutos* (particípio passado de *enxugar*, que vem do latim *exsugere*, “sugar completamente”) são os olhos que foram enxugados, deixando assim de estar molhados ou húmidos, servindo de traço identificador de uma nova fase da resistência e da luta, aquela que já não será feita com lágrimas, seja porque deixou de haver razão que as justifique, seja porque a reação agora deve ser outra. Por outro lado, a supressão do determinante parece de alguma forma universalizar os *olhos*, expandindo o seu valor metonímico. De qualquer modo, estas são apenas hipóteses; poderá haver outras razões que só um italiano ou uma pessoa que tenha um excelente domínio da língua (o que não é o meu caso) poderá entrever.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

Imagem 3 – Plaquete de 1957

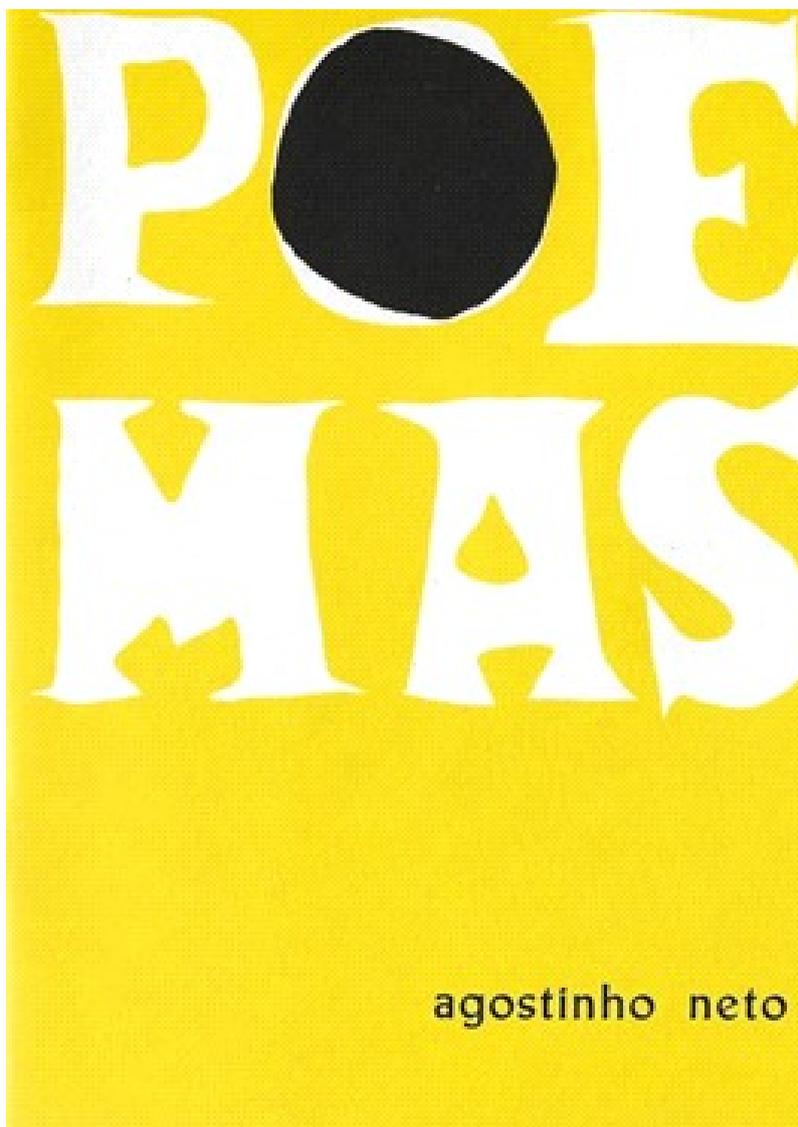
Quadro 1 – Mudanças de ordenação

<i>Con occhi asciutti</i>		<i>Poemas (CEI)</i>		Posição em <i>Sagrada Esperança</i>
N.º	Título	N.º	Título	
1.º	Il camino delle stelle	16.º	O caminho das estrelas	26.º
2.º	Il pianto dell’Africa	11.º	O choro de África	44.º
3.º	Fuoco e ritmo	2.º	Fogo e ritmo	34.º
4.º	Creare	12.º	Criar	33.º
5.º	Sentiero della landa	6.º	Caminho do mato	4.º
6.º	Aspirazione	13.º	Aspiração	18.º
7.º	Fiducia	9.º	Confiança	17.º
8.º	Civiltà occidentale			12.º
9.º	«Contratados»			16.º
10.º	Partenza per «contrato»			2.º
11.º	Treno africano	7.º	Comboio africano	6.º
12.º	Sabato nel musseche			3.º (Sábado <b>nos musseques</b> )
13.º	Noite	8.º	Noite	11.º
14.º	Presa di coscienza			22.º
15.º	Terre offese	10.º	As terras sentidas	31.º
16.º	Non chiedermi sorrisi			19.º
17.º	Oltre la poesia	1.º	Poesia africana	10.º ( <b>Para além da Poesia</b> )
18.º	Mezzanotte nella bottega	5.º	Meia-noite na quitanda	9.º
19.º	Kinascigi	4.º	Kinaxixi	21.º
20.º	Un anniversario			23.º
21.º	L’alzabandiera			45.º
22.º	Amico Mussunda	3.º	Mussunda amigo	25.º
23.º	In carcere			43.º ( <b>Aqui</b> no cárcere)
24.º	Notti in carcere			42.º (Noites <b>de</b> cárcere)
25.º	Così gridavo, spossato			41.º
26.º	Pausa			24.º
27.º	Addio nell’ora della partenza			1.º
28.º	Abbiamo da tornare			49.º

Fonte: Elaborado pelo autor.

Um terceiro aspeto da edição italiana que me parece importante considerar tem a ver com o *corpus*. Lussu publicou 28 poemas, o que é cerca de metade dos 51 que virão a constituir a edição definitiva de *Sagrada Esperança*, dada ao prelo em 1974, mas é bastante mais do que, à época, tinha saído em edição autónoma: em 1957, fora lançada a plaquete *Quatro Poemas de Agostinho Neto* e, quatro anos mais tarde, a Casa dos Estudantes

do Império estampara o folheto *Poemas*, que incluía 16 composições. Acontece porém que nem todos os 20 poemas já publicados em edição autónoma entram na antologia italiana, havendo também uma modificação significativa da sua ordenação, como se percebe facilmente pelo Quadro 1, na página anterior.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

**Imagem 4** – Capa da edição de 1961, da Casa dos Estudantes do Império

Quanto ao *corpus*, verifica-se que foram aproveitados 14 dos 16 poemas da edição da CEI, tendo ficado de fora dois: *Certeza* e *Sim em qualquer poema*. Em relação à plaquete de 1957, foram incluídos dois dos quatro textos: o 3.º, *Adeus à hora da largada* (que aí vem sem título), e o 4.º, *Um aniversário*. Foram pois excluídos os outros dois, *Quitandeira* e *Um bouquet de rosas para ti*. Quer isto dizer que a edição de 1963 tem dez poemas nunca antes publicados em livro.

Relativamente à ordenação, é mais difícil extrair conclusões, pois há diferenças muito significativas em relação tanto à antologia da CEI como à edição completa e definitiva de *Sagrada Esperança*. O autor da nota introdutória da antologia italiana explica que o alinhamento se fez quase por si mesmo:

È bastato metterle insieme, e le poesia sparse di Agostinho Neto si sono spontaneamente ordinate in un piccolo canzonere, di cui è facile rintracciare il filo, dal preludio lirico e più pregante che si alza sulle «aritmie

dell'irreale) per convertile nel senso che avrà la vita angolana quando sarà davvero vita, al susseguirsi delle pagine staccate di un ideale e crudo diario che registra le alternative di quell'attesa, sottoposta al dilemma del «vivere sottomessi o perseguitati», fino alla chiusa di nuovo tuta lirica, dove è pressagito e danzato, «marimbe e braccia tamburi e braccia canzoni e braccia», il canto inaugurale dell'Africa<sup>8</sup> (NETO, 1963, p. 13).

Não é fácil concordar totalmente com esta explicação, embora a ordem dos poemas da antologia italiana faça sentido, com essa passagem do abstrato ao concreto, do lamento a uma certeza que encerra com “*Abbiamo da tornare*”. O problema é que estamos bastante condicionados pela leitura de *Sagrada Esperança*, que apresenta uma lógica um tanto diferente.

## O Texto

Um quarto ponto do trabalho de Joyce Lussu respeita ao texto propriamente dito, o português e o italiano. Não se trata da tradução em si mesma, de que não me ocuparei por falta de competência, mas antes de questões de crítica textual e, de algum modo, de crítica genética.

Neste nível, há que referir em primeiro lugar as gralhas, embora elas não sejam muitas nem tenham grande significado, sendo em geral ultrapassáveis pelo leitor de língua portuguesa: é o caso de *estelas* por “estrelas” no v. 2 da versão portuguesa de *Il camino delle stelle*.

Há também casos em que a versão portuguesa corrige a edição anterior, da CEI. Veja-se o v. 24 de *Il pianto dell'Africa*:

“em histórias de dramas negros almas brancas preguiças”,

em que “*histórias*” corrige o erro “*histerias*” da edição de 1961.

Noutros momentos, a gralha da edição italiana traduz-se na falta de uma palavra: é o caso do v. 7 de *Il pianto dell'Africa*:

“nos sarcasmos no trabalho de África”,

em vez de

“nos sarcasmos no trabalho **choro** de África” (versão do folheto da CEI),

sendo esta última também a lição do texto italiano. Curiosamente a edição definitiva de *Sagrada Esperança* (NETO, 2018) apresenta outra variante:

“nos sarcasmos no trabalho **na vida** choro de África”.

---

<sup>8</sup> Bastou juntá-los, e os poemas dispersos de Agostinho Neto espontaneamente se ordenaram num pequeno cancionário, cujo fio condutor é fácil de traçar, desde o prelúdio lírico e mais expressivo que se eleva sobre as “aritmias do irreal” para as converter no sentido que a vida angolana terá quando for realmente vida, com a sucessão de páginas retiradas de um diário ideal e cru que regista as alternativas dessa espera, sujeitas ao dilema de “viver submisso ou perseguido”, até ao fechamento do novo processo lírico, em que se anuncia o canto dançante de “marimbas e braços tambores e braços vozes e braços”, inaugural da África.

Em vários outros exemplos, parece perceber-se que a edição de 1963 corresponde a um projeto maduro, com uma série de poemas já na sua versão definitiva. Veja-se o caso de *Noite*, em cuja 3.<sup>a</sup> estrofe, vv. 9-11, se lia o seguinte na edição da CEI:

“— Bairros escuros  
mundos de miséria”.

Na edição italiana, a passagem apresenta já a forma final que será consagrada em *Sagrada Esperança*:

“São bairros de escravos  
mundos de miséria  
bairros escuros”.

De igual modo, mas através da supressão de um verso, temos o caso do final do poema *Terre offese*. Na edição da CEI, lia-se:

“e somos as partículas imperecíveis  
e inatacáveis  
das terras sentidas de África.”

Na edição italiana e em *Sagrada Esperança*, passámos a ter:

“e somos as partículas imperecíveis  
das terras sentidas de África.”

Algo de semelhante se pode concluir da colação entre a edição italiana e a plaquete de 1957. Veja-se o poema *Un anniversario*, que na versão mais antiga termina com o verso “como tributo à nossa escravidão.”, seguido da data de composição, “Setembro de 1951”. No volume de 1963, é acrescentado um dístico, que permanecerá em *Sagrada Esperança*:

“Um dia inútil como tantos outros até um dia  
Mas duma inutilidade necessária.”

Na edição definitiva regressa a data, que não figura na de Joyce Lussu.

No outro poema retomado da plaquete, *Addio nell'ora della partenza*, as modificações são mais numerosas. Darei apenas dois exemplos: um de expansão, outro de reordenação. Na versão de 1957, o poema termina com o seguinte dístico:

“Somos nós  
a esperança em busca de vida.”

Na versão da antologia italiana e, depois, de *Sagrada Esperança*, ocorre uma operação de adição:

nós mesmos

Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz  
os teus filhos Mãe  
(todas as mães negras  
cujos filhos partiram)

Vão em busca de vida.  
(NETO, 1963, p. 134)

O outro caso diz respeito aos vv. 6-7, cuja versão de 1957 era assim:

“Mas em mim  
a vida matou essa mística esperança”.

Na edição de Lussu, há uma modificação por reordenação:

“Mas a vida  
matou em mim essa mística esperança”,

assim se destacando o sujeito, “a vida”, ao mesmo tempo que se aproveita o efeito fonético de “matou em mim”.

## A Versão Italiana

O quinto ponto deste breve estudo diz respeito ao texto italiano, mas não consistirá – pelos motivos já expostos – numa crítica da tradução. A primeira observação, que já foi feita por outros investigadores, tem a ver com o facto de Joyce Lussu, com muita frequência, “arrumar” de outra forma os versos, quase sempre através da divisão de versos longos. Um bom exemplo é o poema *Il pianto dell’Africa*, em que há sete ocorrências desse tipo:

v. 2. nos seus olhos traidores pela servidão dos homens

trad. *nei suoi occhi traditori*  
*per la servitù degli uomini*

v. 3. no desejo alimentado entre ambições de lufadas românticas

trad. *nel desiderio alimentato*  
*tra le ambizioni di folate romantiche*

v. 6. nas fogueiras choro de África

trad. *nei fuochi accesi*  
*tra gli sterpi pianto dell’Africa*

v. 9. meu irmão Nguxi e amigo Mussunda

trad. *immortale fratello mio*

*Ngugi e amico Mussunda*

v. 12. e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de todas as almas

trad. *e della vita che sgorga*

*dalle sorgenti e da ogni parte e da tutte le anime*

v. 21. mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens

trad. *anche nella bellezza*

*del lavoro costruttivo degli uomini*

v. 28. onde a verdade violentada se estiola ao círculo de ferro

trad. *dove la verità violentada appassisce*

*nel cerchio di ferro*

Uma segunda observação tem que ver com erros propriamente ditos, que podem resultar de uma má interpretação gramatical ou de uma gralha da versão portuguesa. Para o primeiro tipo, temos o v. 8 de *Il pianto dell’Africa*, que na versão portuguesa se apresenta assim:

“Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal”,

que Lussu traduziu como

*“Sempre lo stesso pianto nella nostra allegria”*

[Sempre o mesmo choro na nossa alegria],

interpretando “*mesmo*” como determinante demonstrativo e não como advérbio. Para a segunda tipologia, sirva de exemplo o verso inicial de *Noite*, que na versão portuguesa aparece como

“Eu vivo nos”.

A última palavra, que está a mais (pertence ao verso seguinte), foi interpretada pela tradutora como “*nós*”, originando a seguinte versão:

*“Io vivo noi stessi”*

[Eu vivo nós mesmos].

Uma terceira observação diz respeito àquilo a que poderíamos chamar uma tradução interpretativa, que ocorre quando a tradução muda o original de modo a sugerir uma leitura que, não sendo de excluir, também não estava explícita no original. Veja-se a 1.<sup>a</sup> estrofe de *Fiducia*:

## Quadro 2 – Tradução interpretativa em *Fiducia*

O oceano separou-me de mim	<i>L'oceano mi separò da me stesso</i>
enquanto me fui esquecendo nos séculos	<i>perché mi venni dimenticando nei secoli</i>
e eis-me presente	<i>l'oceano è presente in me</i>
reunindo em mim o espaço	<i>riunisce in me lo spazio</i>
condensando o tempo	<i>condensa il tempo</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Na versão original, o sujeito lírico, assumindo-se como representante da identidade negra, evoca a figura do negro disperso, arrancado de África e despido das suas raízes, e propõe-se resgatar essa perda, superando condicionalismos de espaço e de tempo. Na proposta de tradução, o sujeito gramatical passa de “eu” para “oceano”, fazendo deste – o Atlântico dos antigos navios negreiros – um meio de união entre todos os negros, qualquer que seja o espaço em que hoje se encontram. Além disso, o processo de desculturação (“enquanto”) é agora representado como causa (“*perché*”) da alineação do sujeito. Note-se que ambas as soluções são legítimas, mostrando a verdadeira natureza da tradução: reescrita e recodificação do original.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos poderiam ser multiplicados e a análise poderia ser levada mais longe, mas creio que os elementos apresentados são suficientes para mostrar que *Con occhi asciutti* é uma edição importantíssima para Agostinho Neto, para a causa de Angola e a causa das outras então colónias de Portugal em África e ainda para a literatura que se fazia nesses espaços. Os desacertos do trabalho, tanto na versão portuguesa quanto na italiana, são normais em todos os trabalhos honestos em que os seus autores verdadeiramente se projetam, e não comprometem de forma alguma o resultado final. Devemos por isso todos, italianos, angolanos e portugueses, estar gratos a Joyce Lussu.

## REFERÊNCIAS

- CAPANIONI, C. Joyce Lussu's 'Africa, Out of Portugal': translating José Craveirinha, Kaoberdiano Dambarà, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, and Alexander O'Neill in Italian. *Scientia Translationis*, Florianópolis, n. 11, p. 245-258, 2012.
- CELANI, S. Con occhi asciutti di Agostinho Neto. Storia di una prima edizione. *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, Roma, n. 5, p. 53-56, 2003.
- CRAVEIRINHA, J. *Cantico a un dio di catrame*. Testo a fronte, versione, introduzione e note a cura di Joyce Lussu. Milano: Lerici, 1966.
- LUSSU, J. *Tradurre poesia*. Milano: A. Mondadori, 1967.
- NETO, A. *Quatro poemas de Agostinho Neto*. Póvoa de Varzim: [s.n.], 1957.
- NETO, A. *Poemas*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961.

NETO, A. *Con occhi asciutti*. Traduzione di Joyce Lussu. Milano: Il Saggiatore, 1963.

NETO, A. *Obra poética completa: Sagrada Esperança, A renúncia impossível, Amanhecer*. 2. ed. Luanda: Fundação António Agostinho Neto, 2018.

O'NEILL, A. *Portogallo, mio rimorso*. Prefazione e traduzione di Joyce Lussu. Torino: Einaudi, 1966.

RUSSO, M. Agostinho Neto e Joyce Lussu: questioni di lingua e traduzione. *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*, Roma, n. 5, p. 57-67, 2003.

RUSSO, V. *La resistenza continua*. Il colonialismo portoghese, le lotte di liberazione e gli intellettuali italiani. Milano: Meltemi, 2020.